



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

Quando o sofrimento atravessa gerações: analisando os testemunhos de uma sobrevivente do Holocausto

Autoria: Charles Antonio Pereira (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sofrimento, dor, desamparo, são sentimentos que expressam marcadamente a experiência dos campos de concentração nazistas. E basta um vislumbre dos relatos testemunhais dos sobreviventes desses campos para perceber que tais sentimentos reverberam por toda a vida, mesmo em seu processo de reconstrução. Este é o mote principal deste work, as experiências do sofrimento e como ele reverbera através da vida, e das gerações futuras do sobrevivente. Como refazer a vida após experiências tão extremas de sofrimento? Durante o Holocausto, o cenário era tão propenso a morte, o sofrimento era tão banalizado, que os relatos de seus sobreviventes tomaram centralidade na formação da memória coletiva do evento. De acordo com Pollak (1989), poucos períodos históricos foram tão estudados como o nazismo, incluindo-se aí sua política antissemita e o extermínio dos judeus. Todavia, a despeito da abundante literatura e do lugar concedido a esse período nos meios de comunicação, frequentemente ele permanece um tabu nas histórias individuais na Alemanha e na Áustria, nas conversas familiares e, mais ainda, nas biografias dos personagens públicos. Assim como as razões de um tal silêncio são compreensíveis no caso de antigos nazistas ou dos milhões de simpatizantes do regime, elas são difíceis de deslindar no caso das vítimas. Pensando a partir destes fatos, neste work, por meio da análise dos testemunhos de uma sobrevivente do Holocausto realizados em aparatos culturais distintos, busco demonstrar como a passagem por um evento crítico (DAS, 1999) de grandes dimensões como o Holocausto, é capaz de reconfigurar a vida dos indivíduos ao ponto de a experiência vivida



reverberar nas gerações futuras do mesmo. Aliado a isso, discutirei também o processo de gestão da memória dessa sobrevivente, e os momentos de transbordamento em que o ato de narrar torna-se necessário. Dessa forma, analisarei os testemunhos de Lili Jaffe, jovem iugoslava de apenas 19 anos na época do Holocausto, que após sobreviver à 11 meses em Auschwitz escreveu suas memórias em um diário. Anos mais tarde, sua filha, escritora e doutora em literatura, transforma esse diário em livro, e constrói suas próprias interpretações a respeito do ocorrido com sua mãe. Além da filha, a neta de Lilli, que também tem como ofício a escrita, contribui com a parte final do livro. Dessa forma, três gerações de mulheres, que tiveram suas vidas afetadas em alguma medida pelo Holocausto, transformam suas experiências em palavra escrita através do livro *O que os Cegos estão Sonhando?*, Juntamente a análise do livro, será analisada a participação de Lili Jaffe e sua filha no episódio *As Filhas da Guerra*, do podcast *Projeto Humanos*.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: